

Variação morfossintática em textos do Período da União Ibérica: o caso dos clíticos ligados a verbos simples

Morphosyntactic variation in texts from the Period of the Iberian Union: the case of clitics connected to simple verbs

ANTONIO LUIZ GUBERT

Doutor em Letras. Professor no Instituto Federal de Santa Catarina.

E-mail: antoniogubert@gmail.com

Resumo: Este artigo é o recorte de uma pesquisa sobre a língua da época da União Ibérica, quando Portugal e Espanha estavam sob o domínio dos mesmos reis. Neste estudo, serão apresentadas considerações sobre os clíticos ligados a verbos simples, procurando explicar um dos fenômenos linguísticos que caracterizam o castelhano de Portugal. Após a coleta e a análise dos dados, o principal resultado encontrado foi que o posicionamento dos clíticos, quando vinculado a verbos simples precedidos de uma preposição, uma das particularidades morfossintáticas do português da época, foi encontrado também nos dados dos textos em espanhol, caracterizando interferência por transposição de regras gramaticais entre os idiomas e gerando variação.

Palavras-chave: Clíticos. União Ibérica. Castelhana de Portugal. Sociolinguística.

Abstract: This article is a part of a research about the language of the Iberian Union, when Portugal and Spain were under the control of the same kings. In this study, considerations about the clitics linked to simple verbs will be presented, trying to explain one of the linguistic phenomena that characterize the Spanish language of Portugal. After collecting and analyzing the data, the main result found was that the positioning of clitics, when linked to simple verbs preceded by a preposition, one of the morphosyntactic particularities of Portuguese at the time, was also found in the data from the Spanish texts, characterizing interference by transposing grammatical rules between languages and generating variation.

Keywords: Clitics. Iberian Union. Castilian from Portugal. Sociolinguistics.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O período conhecido como União Ibérica (1580-1640) é, sem dúvida, um dos momentos mais conturbados na história política e linguística de Portugal. Por conta de crises na sucessão dinástica portuguesa e tendo-se em vista critérios de sucessão baseados em parentesco, Portugal passou a ser governado pelo mesmo rei da Espanha, Filipe II, um dos próximos na linha de sucessão. Após disputa com outros dois sucessores de igual parentesco, Filipe II da Espanha assume o poder e dá início à Terceira

Dinastia – a Dinastia de Habsburgo¹, que perdurará até o golpe de 1640, quando Filipe III de Portugal, IV da Espanha, é deposto.²

As implicações políticas dessa monarquia dual foram muito marcantes para Portugal. Com relação à língua, foram ainda maiores. Se o rei fala espanhol, o povo deve falar espanhol. Pelo menos era este o sentimento de muitos portugueses na época da União Ibérica.

Diante dessa reconfiguração linguística pela qual passava Portugal, os escritores começaram a escrever suas obras também em língua castelhana, mesmo os que não a estudaram em níveis satisfatórios. Na verdade, a língua que estavam utilizando não era exatamente o castelhano, mas sim uma mescla de castelhano e português, a que chamamos de “castelhano de Portugal”, que se configura aqui como nosso *objeto* de estudo.

O objetivo desta pesquisa reside em descrever um dos fenômenos que caracteriza o castelhano de Portugal, o uso dos clíticos que acompanham verbos simples, partindo de uma análise contrastiva entre os sistemas estruturais do português e o espanhol em uso pelos escritores portugueses bilíngues da época.

Os princípios teóricos gerais adotados para o estudo seguem os fundamentos da Sociolinguística Variacionista, que visa ao entendimento da língua a partir das suas relações com a sociedade (cf. WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968).

2 OS CLÍTICOS NO ESPANHOL

Os clíticos verbais são unidades dêitico-anafóricas que permitem a indexação dos referentes do discurso quando estes se codificam como objetos sintáticos. Fazem parte deste grupo os pronomes pessoais átonos e a partícula *se*, em suas diversas funções³.

¹ Também conhecida como Dinastia Filipina, Dinastia dos Áustrias ou Dinastia de Espanha.

² Importante considerar que, na história da Espanha, outros Filipes também ocuparam o posto de Rei. É o caso de Felipe I de Castela (Dinastia de Transtâmara), que governou desde 26 de novembro de 1504 a 25 de setembro de 1506; Filipe V (Dinastia de Bourbon), que governou desde 15 de novembro de 1700 a 14 de janeiro de 1724, tendo abdicado do primeiro reinado, reassumindo em 31 de agosto de 1724 até 9 de julho de 1746; e Filipe VI (Dinastia Bourbon, restaurada pela 3ª vez), que governa desde 19 de junho de 2014 até os dias atuais.

³ Complementos diretos: *me, te, lo, la*,

Quadro 1 – Quadro dos pronomes átonos do espanhol

FORMAS DE LOS PRONOMBRES PERSONALES ÁTONOS				
PERSONA GRAMATICAL		SINGULAR		PLURAL
1. ^a pers.		<i>me</i>		<i>nos</i>
2. ^a pers.		<i>te</i>		<i>os</i> ⁴
3. ^a pers.	compl. directo	masc.	<i>lo</i> (también <i>le</i> ; → <u>LEÍSMO</u> .)	<i>los</i>
		fem.	<i>la</i>	<i>las</i>
	compl. dir. o atributo	neutro	<i>lo</i>	—
	compl. indirecto		<i>le</i> (o <i>se</i> ante otro pron. átono; → <u>se</u> , <u>la</u>)	<i>les</i> (o <i>se</i> ante otro pron. átono; → <u>se</u> , <u>la</u>)
	forma reflexiva		<i>se</i>	

Fonte: adaptado de RAE, 2010.

As propriedades que um clítico pode desempenhar são herança das funções que os pronomes de objeto tônicos e independentes exerciam em latim (*me*, *te*, *illum*, etc.). Em língua antiga, podiam também estar acoplados a classes de palavras como os substantivos e advérbios. Após passar por processo de gramaticalização, com perda de tonicidade e liberdade sintática, atualmente apenas podem figurar adjuntos a lexemas verbais, proclíticos ou enclíticos. Refutam qualquer termo que possa aparecer entre estes e os verbos (**Te no traje*) e podem coaparecer na mesma cláusula com seu sintagma correferencial (*Lo saludé a mi hermano*), o que parece lhes situar semântica e sintaticamente entre os morfemas de concordância e os pronomes átonos.

Os clíticos, então, estão situados na fronteira entre o nível sintático e o morfológico (AIJÓN OLIVA; BORREGO NIETO, 2013), i. e., entre as unidades independentes e os morfemas ligados a uma base léxica. São semelhantes, portanto, a outras unidades sem conteúdo lexemático, como as preposições, conjunções e artigos.

Com relação às funções discursivas, os clíticos, assim como as desinências de sujeito, constituiriam uma possibilidade de manter a continuidade referencial.

Segundo Aijón Oliva & Borrego Nieto (2013, p. 101, tradução nossa):

Esta função é, de fato, análoga à que qualquer unidade dêitico-anafórica, como são os próprios pronomes pessoais; mas o importante é destacar que os clíticos, diferentemente desses últimos, não *mencionam* realmente seus referentes, mas sim que simplesmente os *indexam* no núcleo verbal, tendo em conta as características sintáticas expostas anteriormente. Para a maior proeminência em um contexto,

⁴ Segundo a RAE (2010): “En América, en Canarias y en parte de Andalucía, no se usa el pronombre personal vosotros para la segunda persona del plural. En su lugar se emplea ustedes, que en esas zonas sirve tanto de tratamiento de confianza como de respeto (→ usted). Por lo tanto, los pronombres personales átonos de segunda persona del plural que se utilizan en esas zonas son los que corresponden, gramaticalmente, a la tercera —lo(s), la(s) y le(s)—: A ustedes, niños, *LOS* espero en casa (frente a A vosotros, niños, *OS* espero en casa).”

será mais fácil que o referente não se formule, senão que simplesmente deixe sua marca gramatical através de um destes morfemas de concordância.⁵

De fato, no espanhol, a concordância constitui uma manifestação formal da proeminência dos referentes. O sujeito é o elemento sintático que possui maior proeminência discursiva, e a possibilidade de sua indexação por meio de um clítico confere a esta última categoria *status* de índice de proeminência discursivo-cognitiva⁶. (AIJÓN OLIVA & SERRANO, 2010, p. 127).

Tendo em vista os fatores gramaticais e discursivos envolvidos na gênese dos clíticos, passamos agora a analisar os fatores envolvidos no fenômeno de variação de uso e posicionamento de clíticos nos textos em castelhano de escritores portugueses dos séculos XVI e XVII.

2.1 PANORAMA DE USO DOS CLÍTICOS NO PORTUGUÊS DOS SÉCULOS XVI E XVII

Como a proposta de pesquisa é avaliar o fenômeno de variação gramatical do posicionamento dos clíticos adjuntos a formas de verbos simples em textos de autores portugueses que escreveram em castelhano nos séculos XVI e XVII, será necessário compreender também o que acontece com a língua portuguesa nesse período, para verificar uma possível transposição das regras de uma língua para a outra. Os padrões de colocação dos clíticos no espanhol da época, *a priori*, parecem bem marcados e fixos, conforme os documentos consultados e citados na continuação.

Quanto aos parâmetros do português, ocorre que na língua predominava o da próclise sobre o da ênclise (MARTINS, 2011, p. 33). Inclusive, em um dos casos em que era encontrada ênclise preferencial, nas construções [preposição + clítico + verbo], no período em questão começa a haver uma mudança linguística como recurso desambiguizador, alterando de próclise para ênclise, conforme estudo de Menon (2012)⁷.

No trabalho da autora, temos a referência de uma mudança encaixada, motivada essencialmente pela alteração da formulação de construções que expressam fatos concomitantes, passando de [em + gerúndio] para [ao + infinitivo], após estágio de nominalização de verbos (como em *o amanhecer*). Segundo Menon (2002, p. 173):

⁵ *Esta función es, de hecho, análoga a la que cualquier unidad deíctico-anafórica, como son los propios pronombres personales; pero lo importante es destacar que los clíticos, a diferencia de estos últimos, no mencionan realmente a sus referentes, sino que simplemente los indexan en el núcleo verbal, teniendo en cuenta las características sintácticas expuestas anteriormente. A la mayor proeminencia en un contexto, será más fácil que el referente no se formule, sino que simplemente deje su marca gramatical a través de uno de estos morfemas de concordancia.*

⁶ Os objetos pospostos apresentam maior dificuldade em serem realizados por meio de clíticos, como em **Los compré algunos libros*. A relação com os verbos, então, se dá pela manifestação formal da proeminência dos referentes discursivos.

⁷ No espanhol, a próclise sempre foi a de uso mais recorrente, pelos critérios de posicionamento dos clíticos que serão abordados na próxima sessão.

Essa mudança foi decorrente do processo de nominalização dos verbos com o artigo *o*, antecedido da preposição *a*, usada para indicar movimento, o que gerou uma estrutura semelhante ao que chamo PCV (preposição-clítico-verbo): *a o passar*, em que o *o* é clítico anafórico de 3ª terceira pessoa (objeto direto). Ocorre, então, uma ambiguidade que bloqueou o uso do PVC; o que se resolveu (no período dos séculos XVI e XVII), com a posposição do pronome: *a passá-lo*. Ora, a regra anterior nesse caso era a próclise; a ênclise vai afetar inicialmente só os PCVs regidos pela preposição *a*, porém podendo se estender, mas não necessariamente, às demais preposições.

Mesmo assim, os contextos “favoráveis” à próclise ainda são inferiores se comparados com os de uso de ênclise⁸. No espanhol, ao contrário, a ênclise é condicionada a menos fatores que a próclise, sendo, então, a próclise como majoritária.

Um dos aspectos que diferenciam o português do espanhol quanto à colocação de clíticos é a chamada *mesóclise*. No português antigo, e com uso menos frequente hoje, era tendência agrupar o clítico em ênclise ao verbo pleno e unir à estrutura o futuro do verbo haver (ou sua flexão), formando um bloco ortográfico único. Entretanto, o termo *mesóclise* nos parece equivocado, já que, como foi dito, o clítico na verdade se une em ênclise ao verbo pleno, sendo impossível a união a dois lexemas simultaneamente. Teríamos, então, um caso de variação morfológica da ênclise, segundo Martins (2011, p. 89). E conforme Menon (2012, p. 176, nota de rodapé):

Não considero aqui a possibilidade de existir a chamada "mesóclise", por duas razões: (i) nos textos antigos, sejam manuscritos, sejam os editados (impressos) que mantenham fidelidade aos originais, o que ocorre é ênclise ao primeiro verbo, o que fica evidente quando as formas não aparecem ligadas (os escribas – e também a imprensa, nos seus estágios iniciais – escreviam outras palavras juntas, não só as formas verbais e seus clíticos) como podemos constatar no seguinte trecho de D. João de Castro: "e se estiver hü que se chama ho Fallquão tomalloeys e não tomãdo Casquais e tendo tempo pera pairar na bara mādareis buscar ho dito pilloto e tralloeis cornvosquo e depois de serdes e) Lixboa ho paguaris e muy bem ha minha custa." (Cartas, p. 89, 1543, itálicos acrescentados); (ii) tecnicamente, isto é, prosodicamente, não existe "mesóclise": é impossível uma palavra se apoiar simultaneamente no acento de outras duas; ou ela se apoia no da anterior e temos pronome enclítico, ou na seguinte, e temos próclise. A justificativa alegada por alguns, de que se deve entender mesóclise como "posição entre os dois verbos" é pior ainda, pois esse é um critério de posição na estrutura (sintático, portanto), enquanto o conceito de clíticos é de natureza prosódica (de "apoio" de palavra átona no acento de palavra tônica). Não é possível misturar alhos com bugalhos, usar a mesma nomenclatura para fatos de tão diversa natureza.

⁸ Um dos contextos mais marcados de ênclise no português é o início absoluto de sentenças. Independentemente do verbo ou de qualquer outro aspecto, havia ênclise. No espanhol, como veremos na próxima sessão, os critérios para tal caso são diferentes.

Contudo, afora as discussões metalinguísticas sobre a “mesóclise” (entenda-se [verbo pleno + clítico de ênclise + verbo haver]), em espanhol não se faz presente esse fenômeno, sendo, portanto, típico apenas do idioma português. Nossa hipótese é de que os autores portugueses em estudo utilizariam a “mesóclise” em seus textos em espanhol, aplicando estruturas típicas do português em textos do espanhol. Também, sob os mesmos critérios, os autores teriam preferência pela ênclise, a mais recorrente forma de colocação de clíticos da época, mesmo quando em espanhol a próclise era prescrita, novamente por questões de transposição de estruturas entre línguas.

2.2 REGRAS DE COLOCAÇÃO DOS CLÍTICOS EM ESPANHOL

2.2.1 Clíticos com verbos simples

A distribuição dos clíticos em espanhol é resultado de uma complexa combinação de fatores gramaticais, semânticos e discursivos. A posição do clítico, enclítica ou próclítica, está atrelada a peculiaridades do sistema verbais, não importando o tipo de pronome ou de verbo, a natureza dos elementos no entorno⁹ e tampouco a posição em que os termos se encontram na oração. Há – e sempre houve – predominância da próclise com relação à ênclise.

Em vias gerais, as regras para os clíticos com verbos simples prescrevem próclise a todos os casos, excetuando o imperativo afirmativo (no negativo, há próclise), o infinitivo e o gerúndio (o particípio não recebe clíticos). Quando há ênclise, o clítico se une ortograficamente ao verbo.

Exemplos¹⁰:

- (1) La [apoyo/apoyé/apoyaba/apoyaré/apoyaría] en lo necesario.
- (2) Ojalá no la [apoyen/apoyaran] tanto.
- (3) No la apoyen tanto.
- (4) Me parece mejor no apoyarla tanto.
- (5) Apoyándola tanto no vas a lograr lo que quieres.
- (6) Apóyenla ustedes también.
- (7) *Una vez la apoyado, ya no teníamos qué hacer.
- (8) *Una vez apoyándola, ya no teníamos qué hacer.

No exemplo 1, é exemplificada a prescrição de próclise para o indicativo; no 2, para o subjuntivo; em 3, próclise para o infinitivo negativo; em 4, ênclise para o infinitivo; em 5, ênclise para o gerúndio; no caso 6, ênclise para o imperativo afirmativo; e nos últimos dois exemplos, a agramaticalidade gerada pelo uso de clíticos adjuntos ao particípio, em qualquer posição.

⁹ Não há, em nosso entendimento, palavras com morfologia “atrativa” de pronomes, como o advérbio *não/no*, a conjunção *que...* Essa afirmação serve tanto para o português quanto para o espanhol.

¹⁰ Por Petrolini Jr. (2009, p. 150)

Encontramos na literatura possibilidade de alternância próclise/ênclise em dois casos: quando o verbo iniciar período ou quando estiver flexionado no pretérito (GONZÁLEZ, 1994; RAE, 2010). Nos demais casos, o uso prescrito é arbitrário.

Ademais, importante ressaltar que desde sempre existiu uma hierarquia na composição de grupos de clíticos, obedecendo à seguinte ordem de aparecimento: *se* + clíticos de 2ª pessoa + clíticos de 1ª pessoa + clíticos de 3ª pessoa. Há a possibilidade, ainda que rara, de existirem grupos formados por três clíticos, como em *Todo lo que tenía semelo han llevado*.¹¹

É possível a hipótese de que o predomínio dos clíticos em posição proclítica se deve ao fato de que os morfemas de concordância de sujeito são agrupados à direita do lexema verbal e os que marcam a concordância dos objetos tendem a se apresentar à esquerda, para evitar acúmulo de elementos morfemáticos e consequente dificuldade de processamento. (ENRIQUE-ARIAS, 1993, p. 57). Nesse sentido, a ênclise a formas não pessoais e às formas imperativas é justificada. Contudo, não nos resulta totalmente convincente quando observamos que somente a conjugação imperativa para o *vosotros* dispõe de morfema de pessoa próprio (*canta-d*), enquanto que as demais formas provêm do subjuntivo (*cante usted, canten ellos*) e mesmo assim em todas as possibilidades é utilizada a ênclise.

A questão do posicionamento dos clíticos em espanhol fica ainda mais complexa quando está em jogo não mais apenas um verbo, mas sim dois ou mais, compondo um dos quatro tipos de combinação que serão expostas a seguir. Para cada um dos quatro tipos, há considerações morfossintáticas específicas, o que aumenta mais ainda o grau de complexidade.

3 METODOLOGIA DE COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

3.1 A COMPOSIÇÃO DO CORPUS

Os textos selecionados para esta pesquisa foram obtidos a partir de pesquisa nos endereços eletrônicos da Biblioteca Nacional de España e da Biblioteca Nacional de Portugal¹². Ambas as bibliotecas dispõem de acervo digitalizado de todo tipo de texto, em especial os antigos, escritos nas mais variadas línguas, que passaram por tratamento digital para que não se perdessem com tempo e pudessem alcançar um número maior de leitores.

Procuramos por autores citados no *Catalogo razonado biográfico y bibliográfico de los autores portugueses que escribieron en castellano*, obra escrita por Domingo García Pères, em 1890, que contém uma compilação de aproximadamente seiscentos nomes de autores e excertos de suas obras do tempo que estamos estudando. Após seleção dos nomes, buscamos nas bibliotecas as obras dos referidos autores, que necessitavam ter publicado em ambas as línguas, para que fosse possível justificar o fato da *interferência linguística* por transposição das estruturas do português sobre as do espanhol. Lembrando que no

¹¹ Esta hierarquia é herança dos casos latinos.

¹² Endereços eletrônicos: www.bne.es (Espanha) e www.bnportugal.pt (Portugal).

VARIAÇÃO MORFOSSINTÁTICA EM TEXTOS DO PERÍODO DA UNIÃO IBÉRICA:
O CASO DOS CLÍTICOS LIGADOS A VERBOS SIMPLES

Catalogo Razonado não são citadas as obras em português dos autores, caso as tenham escrito.

Após análise e seleção, foram os textos seguintes em espanhol utilizados para a coleta de dados:

Tabela 1 – Textos utilizados para a coleta de dados

AUTOR	OBRA	TIPO	QTD. PÁG.
APRESENTAÇÃO, Luís da. (LA - 1581-1653)	Vida de la bienaventurada Madre Soror Maria Magdalena de Pazzi	Prosa	146
ARAGÃO, Fernando Ximenes de. (FX - 15---1630)	Restauracion del hombre y consolacion sobrenatural de la Theologia	Prosa	379
AZEVEDO, Luís Marinho de. (LM- ?-1652)	Exclamaciones politicas, juridicas, y morales. Al Summo Pontifice, Reyes, Principes, Respublicas amigas, y confederadas con el Rey Don Juan IV. de Portugal...	Prosa	204
CAMOENS, Luiz de. (LC - 1524?-1580)	Poesías castellanas y autos	Verso	199*
CORTE REAL, Jerónimo. (CR - 1530-1590)	Felicissima victoria concedida del cielo...	Verso	464
LEAO, Duarte Nunes de. (DN - 1530-1608)	Genealogia verdadera de los reyes de Portugal	Prosa	208
MACEDO, António de Sousa de. (AM - 1606-1682)	Relacion de las fiestas que se hizieron en Lisboa, con la nueva del casamiento...	Prosa	24
MELO, Francisco Manuel de. (FM - 1608- 1666)	Historia de los movimientos y separasion de Cataluña	Prosa	348
VIEIRA, Antonio. (AV - 1608-1697)	Las cinco piedras de la honda de David	Prosa	190
VICENTE, Gil. (GV - 1465?-1537)	Copilacam de totalas obras de Gil Vicente, a qual se reparte em cinco liuros.	Verso	534*

Fonte: elaborado com base em García Pérez, 1890.

Portanto, foi utilizado um total de dez autores e dez obras, três delas escritas em verso e sete em prosa, totalizando 2696 páginas analisadas. É um número bastante expressivo de material para análise, já que estamos trabalhando com múltiplas variáveis linguísticas. O asterisco após o número de páginas significa que a obra foi escrita parte em português e parte em espanhol.

3.2 VARIÁVEIS

As variáveis delimitadas para este estudo seguem os modelos de estudo de Paul Teyssier (2005) em sua pesquisa sobre a caracterização da/s língua/s utilizadas por Gil Vicente, especialmente analisadas nos itens “J – Lusismos relativos à morfologia do verbo” (p. 450) e “L – Lusismos de Sintaxe” (p. 465).

Conforme Teyssier (2005, p. 465), o parentesco entre o português e o espanhol é tão próximo que as diferenças sintáticas entre as duas línguas são muito limitadas e,

por outro lado, a sintaxe do espanhol e a do português antigo eram em muitos aspectos bem mais livres ou diversificadas do que hoje. “Será pois conveniente ser muito prudente na apreciação dos lusismos de sintaxe.” (2005, p. 466).

Partindo do pressuposto de que os autores portugueses não tinham plena proficiência no idioma castelhano, é de se esperar encontrar, nos textos em espanhol produzidos por esses autores, construções como a referida “mesóclise” (entenda-se [verbo pleno + clítico de ênclise + verbo haver), existente em português e inexistente em espanhol. Do mesmo modo, espera-se o uso preferencial da ênclise, a mais recorrente forma de colocação de clíticos da época em textos portugueses, mesmo quando em espanhol o uso da próclise era prescrito.

Não serão analisadas posições de clíticos quando o verbo ocupar posição de início absoluto na sentença, tampouco quando estiver adjunto a alguma forma do passado, pela dupla possibilidade de colocação, enclítica ou proclítica.

Para evitar interpretações equivocadas, também serão descartados os dados de posição com verbos conjugados no passado, qualquer passado simples.

Com relação à variável dependente “clíticos em verbos simples”, temos um quadro amplo de variáveis independentes linguísticas a serem analisadas:

Quadro 2 – Variáveis independentes linguísticas para os “clíticos em verbos simples”

VARIÁVEL DEPENDENTE	VARIÁVEL INDEPENDENTE LINGUÍSTICA	
CLÍTICOS EM VERBOS SIMPLES	Tipo de texto	prosa
		verso
	Quantidade de clíticos	1
		2
	Posição do(s) clítico(s) com relação ao verbo	próclise
		ênclise
		“mesóclise”
		mista
	Termo antecedente	início absoluto
		pausa
		preposição
		conjunção
		substantivo
		adjetivo
		advérbio
		numeral
	Tipo do verbo	pronome (não clítico)
		infinitivo
		gerúndio
		imperativo afirmativo
		imperativo negativo
		presente do indicativo
		presente do subjuntivo
pretéritos do indicativo (quaisquer)		
pretérito do subjuntivo		
futuros do indicativo (quaisquer)		
futuro do subjuntivo		

Fonte: dados de pesquisa, 2021.

Além do tipo de texto, para este caso foram selecionadas mais quatro variáveis independentes linguísticas, por conta dos processos envolvidos na organização interna do posicionamento dos clíticos. A variável dependente “quantidade de clíticos” é estreitamente ligadas às seguintes. Quando temos apenas um clítico, verificamos somente a posição que ocupa com relação ao verbo, ou seja, próclise ou ênclise. Quando ocupar posição de “mesóclise”, isto é, [ênclise ao primeiro verbo + verbo haver], será atestada agramaticalidade, uma vez que a estrutura inexistia no espanhol da época em questão. Quando temos dois clíticos juntos, além da possibilidade de posicionamento de ambos em próclise ou ênclise, temos a possibilidade de adjunção mista, estando um dos clíticos ligado em próclise e o outro em ênclise, no mesmo verbo. A adjunção mista também é agramatical. A posição que os clíticos ocupam com relação ao verbo será delimitada na variável independente “posição do(s) clítico(s) com relação ao verbo”, a partir das possibilidades de adjunção citadas anteriormente com relação à qualidade do verbo – variável independente “tipo do verbo”. Em acréscimo, analisaremos se há algum fator contextual condicionante para o uso preferencial pela próclise ou ênclise, por meio dos instrumentos da variável independente “termo antecedente”.

Para evitar uma saturação nas rodadas de dados, na análise dos clíticos em estruturas formadas por mais de um verbo, adotamos critérios diferentes daqueles utilizados para os verbos simples. Reduzimos as variáveis linguísticas para quatro casos e estabelecemos, sendo eles: (i) tipo de texto; (ii) quantidade de clíticos. (iii) tipo de relação entre os verbos; (iv) relação clítico x sequência de verbos.

A variável (i) foi estabelecida pelos mesmos fundamentos citados anteriormente. As demais três variáveis estão inter-relacionadas. A quantidade de clíticos e o posicionamento destes nas três possibilidades de composição das estruturas verbais determinarão a gramaticalidade ou agramaticalidade da estrutura. Como citado, para que seja evitada uma sobrecarga de rodadas, ao analisarmos os dados já será feito o julgamento de gramaticalidade. Consideraremos, então, a relação entre o clítico e o verbo (gramatical ou agramatical) como uma variável *ad hoc*, já que não é em essência uma variável, mas sim o resultado de todas as relações entre as demais.

Codificaremos as ocorrências observando dois pontos: os diversos autores das obras, para testar o maior ou menor grau de proficiência em castelhano, e o período de nascimento/morte destes, criando um recorte diacrônico dentro de nosso estudo essencialmente sincrônico e testando a evolução das interferências nos dois períodos de tempo delimitados.

Teremos, então, a seguinte composição:

Quadro 3 – Variáveis independentes extralinguísticas

PERÍODO DE NASCIMENTO	AUTOR	
	NOME	NASCIMENTO E MORTE
FIM DO SÉCULO XV ATÉ 1580	Fernando Ximenes de Aragão	(15---1630)
	Luiz de Camões	(1524?-1580)
	Jerónimo Corte Real	(1530-1590)
	Duarte Nunes de Leão	(1530-1608)
	Gil Vicente	(1465?-1537)
1580 ATÉ MEADOS DO SÉCULO XVII	Luís da Apresentação	1581-1653
	Luís Marinho Azevedo	(?-1652)
	António de Sousa de Macedo	(1606-1682)
	Francisco Manuel Melo	(1608- 1666)
	Pe. Antonio Vieira	(1608-1697)

Fonte: dados de pesquisa, 2021.

Algumas justificativas se fazem necessárias para explicar as classificações adotadas e apontadas no quadro anterior. Em primeiro lugar, para que fosse possível delimitar a variável “período de nascimento dos autores”, precisamos atribuir informações aproximadas a alguns dados que não foram possíveis de ser recuperados, como o nascimento de Fernando Ximenes de Aragão e de Luís Marinho de Azevedo e a data exata para o de Gil Vicente. Para tanto, consideramos a média de vida dos oito autores com registro de nascimento, incluindo Gil Vicente, pelo decréscimo da data de falecimento à data de nascimento. Obtivemos média aritmética de 70 anos, pela soma total e divisão dos resultados por oito autores. Considerando a média, atribuímos o ano aproximado de nascimento para Fernando Ximenes de Aragão para 1560 e para Luís Marinho de Azevedo de 1582.

Em segundo lugar, a divisão entre os períodos de nascimento (fim do século XV até 1580/1580 até meados do século XVII) foi estabelecida por critérios arbitrários, já que não houve no período fato histórico marcante que justificasse tal divisão. Consideramos, nas extremidades, o período de início e fim do período do bilinguismo, e dividimos em “antes e depois de 1580” para que cada metade abarcasse cinco autores. Importante lembrar que o programa estatístico GoldVarb 2001 trabalha com análise de variáveis binárias, i. e., se fez necessário aplicar algum critério, mesmo que arbitrário, para a divisão do período.

3.3 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Após a etapa de seleção de textos e a delimitação das variáveis mais significativas para este estudo, procedemos com a coleta de dados nos textos baixados dos *sites* das bibliotecas digitais.

Os dados foram coletados e classificados segundo os parâmetros delimitados para cada variável. Para que fosse possível rodar o programa estatístico para análise de

regra variável, o GoldVarb 2001¹³, cada ocorrência e suas subclassificações receberam códigos identificáveis pelo *software*.

Após as rodadas, foram criadas tabelas com os percentuais de ocorrências e os correspondentes pesos relativos, quando não houve restrição de qualquer ordem. Para os casos em que o resultado dos pesos relativos acusar *nocaute*, ou seja, 0% ou 100% de ocorrência da variável, o que indica que não há variação, apenas os dados percentuais serão apresentados.

4 RESULTADOS

No total, foram coletados 10074 dados, distribuídos entre as quatro possibilidades de adjunção de clíticos aos verbos simples: próclise (7000), ênclise (3060), “mesóclise” (8) ou mista (6), estas duas últimas agramaticais em espanhol¹⁴.

O número encontrado de casos de mesóclise e de posição mista foi bastante reduzido; no entanto, mesmo sendo um índice baixo, o resultado é importante para este estudo, já que pode indicar movimentos de interferência linguística visados nesta pesquisa.

A próclise era, de fato, a posição de prevalência mais esperada, já que o espectro da regra de colocação dos clíticos (em vigor no espanhol da época) é mais amplo para esta categoria que para a ênclise¹⁵.

A primeira rodada de dados a ser analisada faz referência à distribuição das ocorrências dentre os dez autores pesquisados. O valor de aplicação adotado para a rodada foi a “próclise”. Na tabela a seguir, apresentamos a distribuição das ocorrências entre os autores pesquisados:

¹³ O GoldVarb 2001 é uma versão para ambiente Windows do pacote de programas VarbRul - do inglês Variable Rules Analysis, e “é um conjunto de programas computacionais de análise multivariada, especificamente estruturado para acomodar dados de variação sociolinguística” (GUY; ZILLES, 2007, 105). O programa GoldVarb 2001 foi idealizado por Steve Harlow, que tomou como base a versão anterior, GoldVarb 2.0 de Rand & Sankoff para Macintosh. O pacote de programas foi desenvolvido na Universidade de York, pelos departamentos de Língua e Linguística e de Ciências da Computação.

¹⁴ “Mesóclise” possível em português, dentro das considerações já especificadas anteriormente. A “posição mista” não é comum a nenhuma das duas línguas.

¹⁵ Relembrando: ênclise ao infinitivo, ao gerúndio e ao imperativo afirmativo (podendo também figurar junto a formas do passado e em início absoluto de sentenças). Próclise em todos os demais casos.

Tabela 2 – Distribuição das ocorrências entre os autores

AUTORES	POSIÇÃO DO CLÍTICO				RESULTADO	
	PRÓCLISE	ÊNCLISE	MESÓCLISE	MISTA	TOTAL	%
LM	561	290	0	1	852	9
%	65.9	34.0	0	0.1	-	Nocaute
DL	320	47	0	0	367	4
%	87.2	12.8	0	0	-	Nocaute
AM	92	42	0	0	134	1
%	68.7	31.3	0	0	-	Nocaute
FM	1324	813	0	2	2139	21
%	62	38	0	0	-	-
CR	943	366	3	0	1312	13
%	71.9	27.9	0.2	0	-	Nocaute
LP	664	377	0	0	1041	10
%	64	36	0	0	-	Nocaute
GV	1365	389	5	2	1761	18
%	77.5	22.1	0.3	0.1	-	-
AV	533	176	0	0	709	7
%	75	25	0	0	-	Nocaute
FX	1039	510	0	1	1550	15
%	67	32.9	0	0.1	-	Nocaute
LC	159	50	0	0	209	2
%	76	24	0	0	-	Nocaute
TOTAL	7000	3060	8	6	10074	-
%	69.5	30.4	0.1	0	-	100

Fonte: dados de pesquisa, 2021.

Apesar de a quantidade de dados ser bastante significativa, apenas em dois autores (Gil Vicente – GV e Francisco Manuel de Melo – FM) não houve nocaute. A quantidade elevada de nocautes se deu por conta da ausência de dados nos demais 8 autores para clíticos em posição mesoclítica e/ou mista.

Com relação ao tipo de texto em que se encontravam os dados coletados, há predominância de textos em prosa, com 57% dos dados pertencentes a esta categoria, contra 43% de dados para textos em verso. Contudo, o índice percentual para posição mista foi de menos de 0,1% e o de posição em mesóclise de 0,1%, irrelevantes dentro do conjunto total de dados em análise. Na tabela a seguir, a representação dos números absolutos e percentuais das ocorrências com relação aos tipos de textos pesquisados:

Tabela 3 – Distribuição das ocorrências por tipo de texto

POSIÇÃO DO CLÍTICO	TIPO DE TEXTO				RESULTADO	
	PROSA	%	VERSO	%	TOTAL	%
PRÓCLISE	3860	67	3140	73	7000	69,4
ÊNCLISE	1927	33	1133	27	3060	30,4
MESÓCLISE	0	0	8	0	8	0,1
MISTA	3	0	3	0	6	0,1
TOTAL	5790	57	4284	42	10074	100

Fonte: dados de pesquisa, 2021.

VARIAÇÃO MORFOSSINTÁTICA EM TEXTOS DO PERÍODO DA UNIÃO IBÉRICA:
O CASO DOS CLÍTICOS LIGADOS A VERBOS SIMPLES

A próxima variável analisada é a quantidade de clíticos adjuntos ao verbo. Pelas regras do espanhol da época (e também do atual), é possível acrescentar um ou dois clíticos, raramente três, ao verbo. Nesta pesquisa, refinamos a pesquisa para um ou dois e obtivemos a seguinte distribuição de dados:

Tabela 4 – Distribuição das ocorrências por quantidade de clíticos

QUANT. DE CLÍT.	POSIÇÃO DO CLÍTICO				RESULTADO	
	PRÓCLISE	ÊNCLISE	MESÓCLISE	MISTA	TOTAL	%
1	6757	3023	8	0	9789	97
%	69	30,9	0,1	0	-	Nocaute
2	243	37	0	6	285	3
%	85	13	0	2	-	Nocaute
TOTAL	7000	3060	8	6	10074	-
%	69,5	30,4	0,1	0	-	100

Fonte: dados de pesquisa, 2021.

Na tabela, podemos perceber predominância da presença de apenas um clítico adjunto ao verbo (97% dos dados) com relação à presença de dois clíticos (3% dos dados). Como é possível perceber na tabela, houve dois nocautes, por conta de haver duas células vazias (1 clítico para “mista” e 2 clíticos para “mesóclise”).

Outro fato importante para a análise da rodada é a impossibilidade de haver dois clíticos em posição “mesoclítica” ao verbo, assim como de haver apenas um clítico em posição mista, que é justamente o posicionamento de um clítico em próclise e outro em ênclise ao mesmo verbo. Portanto, os números absolutos para esta rodada, bem como os índices percentuais, não refletem mudança linguística (assim como citado no parágrafo anterior para os nocautes), são apenas informações complementares para a análise da variável linguística.

Alguns exemplos de dois clíticos adjuntos ao verbo, para ilustrar a variável:

Tabela 5 – Exemplos de ocorrências de dois clíticos adjuntos ao verbo

AUTOR	TIPO DE TEXTO	POSIÇÃO DO CLÍTICO	OCORRÊNCIA
GV	verso	próclise	no <u>se</u> la mereci no...
GV	verso	próclise	satañe <u>se</u> lo hizo...
AV	prosa	próclise	(hombre) <u>se le</u> manda que salga...
AV	prosa	próclise	Pero como <u>se los</u> mostrò?
FX	prosa	próclise	, se nos <u>diga</u> :
FX	verso	próclise	Para <u>me las</u> pagar con gran ventaja...
LC	verso	próclise	pues quanto más <u>me lo</u> dan...
LC	verso	próclise	Mas ay no <u>se lo</u> digas, q mas muero...
FM	prosa	próclise	que <u>se le</u> guardase la inmunidad...
FM	prosa	próclise	, <u>se le</u> ordenase al Governador...
AV	prosa	ênclise	como el emperador para <u>guardársela</u> ...
AV	prosa	ênclise	en <u>otorgársela</u> sin saber...
CR	prosa	ênclise	, y sin <u>perdirselo</u> ...
FM	prosa	ênclise	<u>Respondiósele</u> que dejando guarnecidas...
FM	prosa	ênclise	de <u>entregárselo</u> ,
LP	prosa	ênclise	<u>Concediosele</u> su petición
LP	prosa	ênclise	, <u>representándosele</u> en figuta
FX	prosa	ênclise	y que <u>mostrándosenos</u> con
FX	prosa	ênclise	: <u>representándoseme</u> mucha

Fonte: dados de pesquisa, 2021.

Já a próxima análise é muito importante para explicar a interferência linguística pesquisada neste estudo. Conforme explicado, as regras para colocação pronominal eram (e ainda são) um tanto quanto arbitrárias em espanhol. Dependendo do tipo, da qualidade do verbo, o(s) clítico(s) pode(m) ter uso prescrito apenas para próclise ou ênclise, e o movimento de deslocamento para posição não prescrita gera agramaticalidade. Somente para os pretéritos do indicativo, especialmente o pretérito perfeito, e para o presente do indicativo, as referências indicam predominância da ênclise, mas com possibilidade gramatical de adjunção em ênclise.

Na tabela a seguir, a representação da posição dos clíticos com relação às diversas formas dos verbos e os respectivos resultados percentuais:

VARIAÇÃO MORFOSSINTÁTICA EM TEXTOS DO PERÍODO DA UNIÃO IBÉRICA:
O CASO DOS CLÍTICOS LIGADOS A VERBOS SIMPLES

Tabela 6 – Distribuição das ocorrências por formas verbais

FORMAS VERBAIS	POSIÇÃO DO CLÍTICO				RESULTADO	
	PRÓCLISE	ÊNCLISE	MESÓCLISE	MISTA	TOTAL	%
PRET. IND.	2717	590	1	0	3308	32,8
%	82,1	17,8	0,1	0	-	Nocaute
PRET. SUBJ.	550	16	0	0	566	5,6
%	97	3	0	0	-	Nocaute
PRES. IND.	2806	434	0	0	3240	32,2
%	87	13	0	0	-	Nocaute
IMP. AFIRM.	19	257	0	0	276	2,7
%	7	93	0	0	-	Nocaute
INFINITIVO	116	1110	4	4	1234	12,2
%	9,4	90	0,3	0,3	-	-
GERÚNDIO	42	642	0	0	684	6,8
%	6	94	0	0	-	Nocaute
FUT. IND.	289	6	4	0	299	3,0
%	96,7	2,0	1,3	0	-	Nocaute
FUT. SUBJ.	54	0	0	1	55	0,5
%	98	0	0	2	-	Nocaute
PRES. SUBJ.	377	5	0	0	382	3,8
%	98,7	1,3	0	0	-	Nocaute
IMP. NEG.	30	0	0	0	30	0,3
%	100	0	0	0	-	Nocaute
TOTAL	7000	3060	8	6	10074	-
%	69,5	30,4	0,1	0	-	100

Fonte: dados de pesquisa, 2021.

Para as formas de ênclise obrigatória (infinitivo, gerúndio e imperativo afirmativo), houve a predominância da ênclise com relação à próclise, confirmando as regras de colocação dos clíticos castelhanos. Contudo, os índices não foram absolutos, e o percentual de dados de próclise mostra possibilidade de interferência linguística por contato de línguas.

Com relação às demais formas, em que a próclise é de uso provável, os dados se mostraram favoráveis para a regra de colocação em posposição. Nos dois casos em que a literatura cita variação gramatical possível para posicionamento dos clíticos (presente e pretéritos do indicativo), também predominou a próclise, com índices de 82,1% de anteposição para os pretéritos e 87% para o presente, com relação às demais três formas possíveis de colocação pronominal.

Com relação aos dados de “mesóclise”, encontramos 8 dados, 4 com infinitivo e 4 com futuro do indicativo. Consideramos, para efeitos de classificação, o primeiro verbo da estrutura da mesóclise.

Quanto às ocorrências de formas mistas, dos 6 dados encontrados, 4 são de formas no infinitivo, 1 acompanhando verbo no presente do indicativo e 1 em formas do futuro do subjuntivo. Relembrando que, para o infinitivo, a regra prescreve ênclise; para o futuro do subjuntivo, próclise. De todo modo, as formas com posicionamento misto (assim como as de mesóclise), como já citado, são agramaticais em espanhol e podem ser indício de interferência linguística.

A rodada sobre a posição dos clíticos com relação às formas verbais apresentou muitos nocautes como resultados. A única exceção foram os resultados para a variável dependente “infinitivo”, em que foram encontrados dados para as quatro posições possíveis de adjunção dos clíticos.

A última rodada da primeira análise foi a relacionada ao ambiente que antecede o clítico, para verificar se determinados contextos linguísticos atuam a favor ou contra esta ou aquela posição de adjunção. Na tabela a seguir, são apresentados os dados para esta rodada.

Tabela 7 – Distribuição das ocorrências – termo antecessor

TERMO ANTECESSOR	POSIÇÃO DO CLÍTICO				RESULTADO	
	PRÓCLISE	ÊNCLISE	MESÓCLISE	MISTA	TOTAL	%
CONJUNÇÃO	2234	484	3	2	2723	27,0
%	82,0	17,8	0,1	0,1	-	-
PRONOME	746	62	0	0	808	8,0
%	92	8	0	0	-	Nocaute
INÍCIO TOTAL	245	910	3	0	1158	11,5
%	21,2	78,6	0,3	0	-	Nocaute
PREPOSIÇÃO	86	515	0	0	601	6,0
%	14	86	0	0	-	Nocaute
PAUSA ¹⁶	575	697	2	0	1274	12,7
%	45,1	54,7	0,2	0	-	Nocaute
ADJETIVO	173	46	0	0	219	2,2
%	79	21	0	0	-	Nocaute
SUBSTANTIVO	1305	167	0	2	1474	14,6
%	88,5	11,3	0	0,1	-	Nocaute
ADVÉRPIO	1611	174	0	2	1787	17,7
%	90,2	9,7	0	0,1	-	Nocaute
NUMERAL	22	5	0	0	27	0,3
%	81,5	18,5	0	0	-	Nocaute
TOTAL	6997	3060	8	6	10071	-
%	69,5	30,4	0,1	0	-	100

Fonte: dados de pesquisa, 2021.

Obteve-se como resultado que, quando a construção com o clítico se apresentar posterior às conjunções, aos pronomes, aos adjetivos, aos substantivos, aos advérbios e aos numerais, há maior tendência à próclise. Quando a construção com o clítico estiver em início total de sentença, após preposições e pausas (vírgulas, dois pontos), há tendência à ênclise. Encontramos “mesóclise” apenas após conjunções e substantivos, e posição mista após advérbio, conjunção e substantivo.

Por conta da não ocorrência de mesóclise e de posição mista em todos os contextos linguísticos estudados, novamente surgiram nocautes nos resultados, com 0% de ocorrências para determinadas células. Apenas para “conjunções” foram encontrados dados para todas as posições de clíticos.

¹⁶ Chamamos de “pausa” o contexto que antecede o clítico marcado por vírgula ou ponto-e-vírgula, parênteses ou travessão.

Os nocautes, como é possível ver, não são exclusividade desta última rodada. Na verdade, só não ocorreram no levantamento de dados para a variável “tipo de texto”. Nas demais quatro variáveis, ou seja, para “autor”, “quantidade de clíticos”, “formas verbais” e “termo antecessor”, em todas encontramos casos em que algum resultado acusou 0% ou 100% das ocorrências (no caso da variável “quantidade de clíticos”, 97% ou 3%, interpretados pelo programa, pela análise das ocorrências dentro do conjunto de dados, também como nocaute).

Para que seja possível rodar o programa de análise de regra variável, necessitamos fazer alguns ajustes no conjunto de dados, com vistas a eliminar os nocautes.

O primeiro ajuste foi excluir todas as ocorrências de posição mista de clíticos. Como essa posição não é típica em espanhol, analisaremos os dados separadamente, buscando justificar ou entender as escolhas feitas pelos autores quando do uso deste recurso improvável de adjunção.

O segundo ajuste foi aglomerar todas as construções classificadas como “mesóclise” dentro do conjunto de dados de ênclise. Anteriormente, já discutimos o conceito de “mesóclise”, sob a ótica portuguesa, já que o fenômeno não faz parte da gramática castelhana.

Gil Vicente foi o autor com mais ocorrências, 5 do total, seguido por Corte Real, autor de 3 das 8 ocorrências. Estes dois autores, ao usar a “mesóclise” em seus textos em espanhol, cometeram erros por interferência linguística do português, língua materna de ambos, idioma no qual o pronome clítico pode figurar na posição em questão. Esse resultado, portanto, pode ser um dos pontos caracterizadores do chamado “castelhano de Portugal”.

A análise passa a ser feita a partir de 10068 dados, sendo que 7000 são de clíticos em posição proclítica e 3068 de clíticos em posição enclítica. A distribuição percentual passa a ser de 70% dos dados para próclise e 30% de dados para ênclise.

Após a exclusão dos dados de posição mista e da junção dos dados de mesóclise aos de ênclise, não restaram células vazias para a variante “autor”. Os dados que passam a ser utilizados são os seguintes:

Tabela 8 – Distribuição das ocorrências por autor – após alterações

AUTOR	POSIÇÃO DO CLÍTICO				RESULTADO	
	PRÓCLISE	%	ÊNCLISE	%	TOTAL	%
LM	561	66	290	34	851	8,5
DL	320	87	47	13	367	3,6
AM	92	69	42	31	134	1,3
FM	1324	62	813	38	2137	21,2
CR	943	72	369	28	1312	13
LP	664	64	377	36	1041	10,3
GV	1365	78	394	22	1759	17,5
AV	533	75	176	25	709	7
FX	1039	67	510	33	1549	15,4
LC	159	76	50	24	209	2,1
TOTAL	7000	70	3068	30	10068	100

Fonte: dados de pesquisa, 2021.

Com relação ao tipo de texto, única rodada em que não houve nocautes na análise anterior, os índices percentuais permaneceram inalterados, havendo apenas mudança nos números absolutos:

Tabela 9 – Distribuição das ocorrências por tipo de texto – após alterações

TIPO DE TEXTO	POSIÇÃO DO CLÍTICO				RESULTADO	
	PRÓCLISE	%	ÊNCLISE	%	TOTAL	%
PROSA	3860	67	1927	33	5787	57
VERSO	3140	73	1141	27	4281	43
TOTAL	7000	70	3068	30	10068	100

Fonte: dados de pesquisa, 2021.

Com relação à variável “quantidade de clíticos”, as células vazias também desapareceram após os ajustes. Os índices percentuais para a quantidade de “um clítico” foram de 97% e para “dois clíticos” de 3%. Como não houve células vazias, o programa entendeu que não há nocautes, ao contrário do que aconteceu na análise anterior, que também apresentou como resultados 97% e 3%, mas com células vazias dentro do conjunto da variável.

Na tabela a seguir, a nova configuração dos dados para a variável “quantidade de clíticos”.

Tabela 10 – Distribuição das ocorrências por quantidade de clíticos – após alterações

QTD. CLÍTICOS	POSIÇÃO DO CLÍTICO				RESULTADO	
	PRÓCLISE	%	ÊNCLISE	%	TOTAL	%
1	6757	69	3032	31	9789	97
2	243	87	36	13	279	3
TOTAL	7000	70	3068	30	10068	100

Fonte: dados de pesquisa, 2021.

Porém, mesmo após os ajustes com relação à variável relacionada ao posicionamento dos clíticos, persistiram os nocautes no cruzamento da variável ajustada com variável “termo antecessor”, o que inviabilizou a rodada de atribuição dos pesos relativos.

Com relação ao tipo de verbo “futuro do subjuntivo”, houve 100% de dados (54 ocorrências) para próclise; para o “imperativo negativo”, todas as 30 ocorrências também foram para clíticos em posição de próclise.

Na tabela abaixo a representação dos números absolutos e dos percentuais para o cruzamento das variáveis:

VARIAÇÃO MORFOSSINTÁTICA EM TEXTOS DO PERÍODO DA UNIÃO IBÉRICA:
O CASO DOS CLÍTICOS LIGADOS A VERBOS SIMPLES

Tabela 11 – Distribuição das ocorrências por tipo de verbo – após alterações

FORMAS VERBAIS	POSIÇÃO DO CLÍTICO		RESULTADO	
	PRÓCLISE	ÊNCLISE	TOTAL	%
PRET. IND.	2717	591	3308	32,9
%	82	18	-	-
PRET. SUBJ.	550	16	566	5,6
%	97	3	-	-
PRES. IND.	2806	433	3239	32,2
%	87	13	-	-
IMP. AFIRM.	19	257	276	2,7
%	7	93	-	-
INFINITIVO	116	1114	1230	12,2
%	10	90	-	-
GERÚNDIO	42	642	684	6,8
%	6	94	-	-
FUT. IND.	289	10	299	3
%	97	3	-	-
FUT. SUBJ.	54	0	54	0,5
%	100	0	-	Nocaute
PRES. SUBJ.	377	5	382	3,8
%	98	2	-	-
IMP. NEG.	30	0	30	0,3
%	100	0	-	Nocaute
TOTAL	7000	3068	10068	-
%	70	30	-	100%

Fonte: dados de pesquisa, 2021.

Como as duas situações são de posicionamento categórico, e para que seja possível rodar o programa de análise de regra variável, os dados de “futuro do subjuntivo” e de “imperativo negativo” foram excluídos do conjunto.

Ao contrário do que aconteceu com a variável anterior, para o cruzamento da variável modificada “posição do clítico” e da variável “termo antecessor”, não houve nocautes, já que não persistiram células vazias, conforme possível visualizar na tabela que segue:

Tabela 12 – Distribuição das ocorrências por termo antecessor – após alterações

TERMO ANTECESSOR	POSIÇÃO DO CLÍTICO				RESULTADO	
	PRÓCLISE	%	ÊNCLISE	%	TOTAL	%
CONJUNÇÃO	2234	82	487	18	2721	27
PRONOME	746	92	62	8	808	8
INÍCIO SENTENÇA	245	21	913	79	1158	11,5
PREPOSIÇÃO	86	14	515	86	601	6
PAUSA	575	45	698	55	1273	12,7
ADJETIVO	173	79	46	21	219	2,2
SUBSTANTIVO	1305	89	168	11	1473	14,6
ADVÉRBIO	1611	90	174	10	1785	17,7
NUMERAL	22	81,5	5	18,5	27	0,3
TOTAL	6997	70	3068	30	10065	100

Fonte: dados de pesquisa, 2021.

Após as quatro modificações no conjunto dos dados, ou seja, a exclusão dos dados de posição mista, a junção dos dados de mesóclise aos de ênclise, a exclusão dos dados de futuro do subjuntivo e de imperativo negativo, foi possível rodar o programa para a atribuição de pesos relativos, uma vez que não restaram nocautes que impediam o programa de ser executado.

Passamos a analisar um conjunto de 10065 dados, sendo 6997 de próclise (70% do total) e 3068 de ênclise (30% do total).

Rodamos o programa com o valor de aplicação “próclise”, confrontando as duas possibilidades de posicionamento dos clíticos (próclise e ênclise) contra as demais variáveis. O programa selecionou todas as variáveis para análise, na ordem que será apresentada a seguir. Simplificamos as tabelas, eliminando os percentuais internos às variáveis, mantendo apenas os percentuais gerais.

A primeira rodada selecionada faz referência ao confronto entre as posições possíveis de colocação do clítico com as características estilísticas de cada autor pesquisado.

Os autores que receberam maior peso relativo foram Duarte Nunes de Leão (peso 0.74), seguido por Gil Vicente (peso 0.59) e Camões (0.57). O menor peso foi aplicado para Francisco Manuel de Melo, (peso de 0.41). Vejamos a tabela com a organização dos resultados.

Tabela 13 – Pesos relativos para a rodada de autores (valor de aplicação: próclise)

AUTOR	POSIÇÃO DO CLÍTICO		RESULTADO		
	PRÓCLISE	ÊNCLISE	TOTAL	%	PESO RELATIVO
DL	320	47	367	3,7	0.74
GV	1328	394	1722	17,3	0.59
LC	157	50	207	2,1	0.57
AV	523	176	699	7	0.56
CR	936	369	1305	13,1	0.52
AM	92	42	134	1,3	0.48
FX	1029	510	1539	15,4	0.46
LM	554	288	842	8,4	0.45
LP	660	377	1037	10,4	0.43
FM	1313	814	2127	21,3	0.41
TOTAL	6912	3067	9979	-	-
%	69	31	-	100	-

Fonte: dados de pesquisa, 2021.

Como consideramos que a próclise é a posição que abrange mais contextos de uso no espanhol da época, ao contrário do português, em que predominava a ênclise, podemos inferir que do maior peso ao menor se apresenta a escala de [+ espanhol] a [- espanhol] ou de [- português] a [+ português]. Neste sentido, os autores com índice mais alto de peso relativo são os que produziram obras com menos influência dos aspectos linguísticos portugueses e os com peso relativo mais baixo são os com menos proficiência em espanhol.

Entretanto, é um tanto quanto arriscado afirmar que o autor com peso relativo mais baixo é o com menos proficiência em castelhano. Se observarmos o conjunto de

pesos, com exceção apenas a Duarte Nunes de Leão, os demais resultados estão todos muito próximos ao ponto neutro (0.50). Considerando que há margem de erro, estes índices perdem ainda mais a função de explicar a variável linguística em questão. Mesmo que a rodada tenha sido escolhida pelo programa como a primeira, a mais relevante para explicar a posição dos clíticos, os resultados não dizem o mesmo: mostram apenas que Duarte Nunes de Leão é o escritor que mais empregou próclise, o que apresenta produção mais “castelhana”, e que os demais autores estão em um nível “neutro” de uso de próclise, ou seja, os pesos relativos aplicados para defini-los, na verdade, não os definem.

O mesmo acontece com o segundo cruzamento de variáveis selecionado pelo programa: posição do clítico x tipo de texto. Ambos os pesos relativos estão muito próximos ao ponto neutro.

Vejamos na tabela seguinte os resultados para a rodada.

Tabela 14 – Pesos relativos para a rodada de tipo de texto (valor de aplicação: próclise)

TIPO DE TEXTO	POSIÇÃO DO CLÍTICO		RESULTADO		
	PRÓCLISE	ÊNCLISE	TOTAL	%	PESO RELATIVO
VERSO	3089	1141	4230	42	0.54
PROSA	3823	1926	5749	58	0.46
TOTAL	6912	3067	9979	-	-
%	69	31	-	100	-

Fonte: dados de pesquisa, 2021.

Se analisarmos os índices percentuais, podemos perceber maior predominância da próclise em textos em prosa (58% dos dados) que em textos em verso (42% dos dados). Já nos pesos relativos, o índice se inverte: 0.54 para verso e 0.46 para a prosa, com diferença de relativamente baixa de 0.8 entre os pesos relativos. Essa inversão é possível pelos princípios da regra variável, que parte da análise das ocorrências de uma visão ampla da variável para especificidades menores, no confronto de resultados das variáveis internas.

Os resultados para essa rodada, portanto, não são os melhores para determinar se os clíticos que acompanham verbos “simples”, em posição proclítica, a mais típica do espanhol da época em estudo, de fato ocorrem mais efetivamente em textos em prosa ou em verso.

Já nos resultados da próxima rodada, com o cruzamento da variável “posição do clítico” com as diferentes formas verbais a que este pode estar ligado, obtiveram-se pesos relativos bastante contrastivos entre si, afastados do ponto neutro, para mais ou para menos.

Vejamos a tabela a seguir.

Tabela 15 – Pesos relativos para a rodada “formas verbais”
(valor de aplicação: próclise)

FORMA VERBAL	POSIÇÃO DO CLÍTICO		RESULTADO		
	PRÓCLISE	ÊNCLISE	TOTAL	%	PESO RELATIVO
PRES. SUBJ.	376	5	381	3,8	0.96
PRET. SUBJ.	550	16	566	5,7	0.92
FUT. IND.	289	10	299	3,0	0.91
PRES. IND.	2803	434	3237	32,4	0.69
PRET. IND. ¹⁷	2717	591	3308	33,1	0.61
INFINITIVO	116	1112	1228	12,3	0.03
IMP. AFIRM.	19	257	276	2,8	0.02
GERÚNDIO	42	642	684	6,9	0.02
TOTAL	6912	3067	9979	-	-
%	69	31	-	100	-

Fonte: dados de pesquisa, 2021.

Os resultados estão de acordo com apresentado anteriormente, com base nas prescrições gramaticais apresentadas para o castelhano da época. Os pesos relativos mais baixos, ou seja, as variáveis menos propícias para o uso da próclise são o “imperativo afirmativo”, com peso 0.02, o “gerúndio”, também com 0.02 de peso, e o “infinitivo”, com 0.03 como índice. Esses três ambientes são, de fato, os de uso prescrito de ênclise, conforme citado anteriormente neste trabalho. Mesmo havendo ocorrências de próclise nestes contextos, para a análise da regra variável, os dados da amostra não são em número suficiente para condicionar mudança ou ser indício de interlíngua.

Os índices mais elevados de pesos relativos se encontram nas variáveis em que o uso é categórico para próclise. O “presente do subjuntivo” foi a forma verbal com índice mais alto (0.96), muito próximo do índice total (1.0). Em segundo lugar, tivemos o “pretérito do subjuntivo”, com índice de 0.92, seguido pelo “futuro do indicativo”, com peso 0.91. Como dito, estes são os ambientes em que a próclise é de uso categórico, e os pesos relativos mostram que os autores portugueses, ao escreverem em castelhano, “dominavam” essa regra.

Com relação aos índices para a variável “pretéritos do indicativo”, obteve-se peso 0.61, e para a variável “presente do indicativo” o índice foi um pouco mais alto, 0.69. Essas duas variáveis, também em conformidade com o anunciado anteriormente, são o ambiente menos fixo, mais instável, para o uso da próclise. A prescrição é de que o clítico pode estar ligado tanto em próclise quanto em ênclise quando o verbo pertence a uma das duas variáveis citadas. O uso da próclise é o mais recorrente, conforme podemos visualizar nos números absolutos citados (2717 dados de próclise contra 591 de ênclise para as formas no pretérito do indicativo; 2803 dados de próclise contra 434 de ênclise para o presente do indicativo), e conforme encontramos na literatura sobre o tema. Os pesos relativos encontrados (0.61 e 0.69) mostram que a próclise é a posição preferencial para esses ambientes, especialmente nos três casos com peso superior a 0.90.

Pela possibilidade variável de colocação do clítico com relação às formas do pretérito e presente do indicativo, a análise do peso relativo para essas duas variantes

¹⁷ Aglomeramos todos os pretéritos e futuros em categorias únicas, para evitar células vazias e nocautes.

mostram que há certa estabilidade nos usos dessa variável e que não há variação linguística em curso ou processos de interferência por contato de línguas.

Com relação à quantidade de clíticos e ao posicionamento destes em próclise ou ênclise, a rodada de dados apresentou os resultados seguintes.

Tabela 16 – Pesos relativos para a rodada “quantidade de clíticos” (valor de aplicação: próclise)

QUANTIDADE DE CLÍTICOS	POSIÇÃO DO CLÍTICO		RESULTADO		
	PRÓCLISE	ÊNCLISE	TOTAL	%	PESO RELATIVO
1	6671	3030	9701	97	0.49
2	241	37	278	3	0.74
TOTAL	6912	3067	9979	-	-
%	69	31	-	100	-

Fonte: dados de pesquisa, 2021.

O índice mais alto da rodada foi para “2 clíticos”, com peso relativo de 0.74. Já para a variável “1 clítico”, o peso relativo foi de 0.49, muito próximo do ponto neutro (0.50).

O cruzamento das variáveis “posição dos clíticos” com “quantidade de clíticos”, na verdade, foi realizado como informação complementar, uma vez que não há prescrição, não há padronização possível, fundamentada na quantidade de clíticos. As especificações de uso em próclise ou ênclise, nesse sentido, dependem muito mais de variáveis como “formas verbais” ou “termo antecessor” que propriamente da “quantidade de clíticos”.

De todo modo, o índice obtido para “1 clítico” mostra neutralidade no uso da próclise, ou seja, que “1 clítico” não determinou escolha pela anteposição ou posposição da forma com relação ao verbo que acompanha, e que os autores em estudo utilizaram ambas as posições de colocação com base em outros fatores que não a quantidade de “1 clítico”.

O índice para “2 clíticos” foi alto, o que nos mostra que a próclise é beneficiada (e esperada) nesse contexto. Como dito, esse índice deve ser analisado em combinação com as demais variáveis.

O programa selecionou por último o grupo de fatores de “termo antecessor”. A rodada, no entanto, é uma das mais importantes para explicar o posicionamento dos clíticos e a possível interferência no uso do espanhol por contato com o português, língua primeira dos escritores portugueses, conforme estudado na seção 3.3 desta pesquisa.

Na tabela a seguir, a representação dos resultados obtidos.

Tabela 17 – Pesos relativos para a rodada “termo antecessor”
(valor de aplicação: próclise)

TERMO ANTECESSOR	POSIÇÃO DO CLÍTICO		RESULTADO		
	PRÓCLISE	ÊNCLISE	TOTAL	%	PESO RELATIVO
PRONOME	733	62	795	8	0.80
ADVÉRBIOS	1576	173	1749	17,5	0.76
SUBSTANTIVO	1296	168	1464	14,7	0.73
CONJUNÇÃO	2208	487	2695	27	0.61
NUMERAL	22	5	27	0,3	0.60
ADJETIVO	172	46	218	2,2	0.57
PAUSA	573	699	1272	12,8	0.22
INÍCIO DE SENTENÇA	243	913	1156	11,6	0.08
PREPOSIÇÃO	86	514	600	6	0.05
TOTAL	6909	3067	9976	-	-
%	69	31	-	100	-

Fonte: dados de pesquisa, 2021.

A próclise seria, em tese, a posição prototípica de adjunção dos clíticos em espanhol, abarcando um leque de situações muito mais amplo que o da ênclise. Os índices acima do ponto neutro para esta rodada constatarem o que de fato já era evidente.

O que mais chama a atenção e é, sem dúvida, um resultado muito significativo para esta pesquisa, são as posições em que a próclise obteve peso relativo baixo, o que significa que a ênclise é a posição de preferência nestes contextos.

Em posição decrescente, temos o “clítico após pausa” com peso relativo de 0.22, seguido pelo “clítico em início absoluto de sentença”, com peso 0.08, e como posição menos favorável ao uso da próclise, temos o “clítico após preposição”.

Os dois primeiros casos podem ser analisados em conjunto, já que apresentam características linguísticas semelhantes. A pausa, seja por vírgula, seja por ponto-e-vírgula¹⁸, nada mais é que uma quebra sintática da estrutura oracional e, nesse sentido, poderia ser entendida juntamente com o início absoluto de sentença, que apresenta as mesmas características.

O posicionamento em ênclise para esses dois casos é, sem dúvida, uma característica da gramática portuguesa operando na gramática espanhola. Apesar de no espanhol da época haver flutuação na posição próclise/ênclise em início absoluto, conforme citamos na fundamentação teórica, os pesos relativos se mostraram muito abaixo do esperado. Esperava-se algo mais próximo do ponto neutro, justamente pela dupla possibilidade prescrita para colocação.

Como no português da época (assim como no atual) a ênclise é a posição mais recorrente em ambos os casos, o peso relativo elevado para as ocorrências no espanhol apontam para a direção de que esta é uma das variáveis mais importantes para se explicar o “castelhano de Portugal”, uma das que configuram maior diferença estrutural entre os usos entre uma língua e outra.

Contudo, o que mais nos chamou a atenção para o baixo índice de peso relativo foi o uso do pronome proclítico quando o termo que o antecede é uma preposição. O

¹⁸ Não foram encontrados dados antecidos por dois pontos, travessão ou parênteses.

peso relativo indicado pelo programa para esta variável foi de 0.05, índice muito próximo ao 0.0, a ausência total. Apesar de terem sido encontrados 88 dados de próclise no conjunto de 600 dados para a variável, o programa indicou que, para essa posição, o uso da próclise é, de fato, pouco provável ou irrelevante.

O resultado da rodada, no entanto, não surpreende. Na descrição e contextualização da variável, presente no capítulo da Metodologia, foi citado o trabalho de Menon (2012), o qual fornece um panorama dos clíticos em construções preposicionadas no português da época de nosso estudo.

Para lembrar, a autora descreve um movimento de deslocamento do clítico para posição enclítica quando a construção [clítico + verbo] era precedida pela preposição *a*, já que a língua estava passando por transformação com relação à nominalização dos verbos e a uma determinada construção usada para expressar “tempo”, que passa de [preposição + gerúndio], como em “em chegando” para [preposição + infinitivo], como em “ao chegar”.

A ênclise, nesse cenário do português (mesmo que específico para a preposição *a*), passa a ter a função desambiguizadora, diferenciando o verbo substantivado, introduzido por artigo, do verbo propriamente dito, que recebe então o clítico posposto (*ao passar* x *a passá-lo*).

O resultado do processo de transição de uma norma para a outra em português reflete diretamente nos resultados de posição de próclise ou ênclise investigados nesta seção. Como os autores portugueses estavam motivados ao uso da ênclise nos contextos precedidos por preposição *a* e, possivelmente por analogia, com as demais preposições, acabaram por aplicar a mesma regra nos textos que produziram em espanhol. Lembrando que no espanhol não ocorreu o citado movimento linguístico desambiguizador, já que as formas para o artigo e para o clítico não são homógrafas como em português – *el* x *lo* em espanhol, *o* x *o* em português.

O resultado desta rodada é, sem dúvida, um dos mais importantes para explicar o “castelhano de Portugal”, já que nos dá a dimensão exata da interferência por contato entre as línguas, pela aplicação das regras lusitanas em vigor às da língua espanhola, que apresentava prescrições diferentes daquelas que foram utilizadas pelos autores portugueses em seus textos em castelhano.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises dos dados, foi possível evidenciar alguns dos fenômenos linguísticos que são os caracterizadores do chamado “castelhano de Portugal” e em que medida estes são gerados no processo de interferência linguística por contato do português com o castelhano, na época e no espaço demarcados para esta pesquisa.

Com relação aos resultados encontrados para as variáveis relacionadas ao posicionamento dos clíticos, os índices percentuais e os pesos relativos trouxeram importantes esclarecimentos sobre o assunto e sobre a dimensão da variação linguística na época e espaço estudados.

A primeira análise das 10074 ocorrências encontradas para a variável “posicionamento do clítico a verbos simples” mostrou predominância do uso da próclise

com relação às demais possibilidades de posicionamento. A próclise é, em espanhol, a posição de adjunção pronominal prototípica para um número mais elevado de contextos linguísticos. Contudo, das quatro possibilidades de adjunção de clíticos aos verbos simples, duas não ocorrem em espanhol: a posição “mista”, com um clítico unido em próclise e outro em ênclise no mesmo verbo, posição impossível tanto em português quanto em espanhol; e a posição “mesoclítica”, com um clítico adjunto entre dois verbos – na verdade, em posição enclítica ao primeiro, conforme citamos –, construção possível apenas em língua portuguesa¹⁹.

Com relação aos dados de posicionamento misto, estes não são caracterizados de interlíngua, já que o posicionamento não é típico em nenhuma das línguas. Provavelmente, são desvios de (orto)grafia ou de impressão. Como nosso foco neste trabalho são os dados contrastivos entre as línguas, em ambientes em que as regras de uso de determinada forma são diferentes em português e no espanhol, esses dados foram descartados do *cópus*.

As ocorrências de “mesóclise” são um indicativo de interferência linguística no espanhol por conta do contato com o português. No entanto, dentro do universo de dados analisados, as 18 ocorrências encontradas de mesóclise são irrisórias, representando menos de 0,1% do conjunto de dados gerais. Esses dados, então, foram agrupados junto aos de ênclise, já que pertencem, na verdade, a esta categoria, conforme explicamos anteriormente. Entretanto, uma informação chama a atenção: Gil Vicente, um dos autores que empregou a mesóclise, também utilizou o infinitivo flexionado. Dos 8 casos de “mesóclise”, 5 são de autoria de Gil Vicente e os outros 3 são de Corte Real, que não utilizou o infinitivo flexionado. Além disso, das 6 ocorrências para “posição mista”, 2 são de autoria de Gil Vicente. Portanto, em Gil Vicente, encontramos os maiores índices de variação para essa variável.

Após ajustes nos dados para que fosse possível a aplicação da regra variável, com vistas à análise dos pesos relativos, alguns parâmetros de análise se mostraram menos significativos, como a relação entre a posição do clítico em próclise ou ênclise e contraponto às peculiaridades dos verbos. Os resultados não indicaram variação, já que apenas ratificaram os padrões de posicionamento dos clíticos tidos como regra para a época.

O resultado mais surpreendente foi o encontrado após a atribuição dos pesos relativos às ocorrências relacionadas aos contextos linguísticos que precedem os clíticos. Segundo os padrões do castelhano da época, apenas em “início absoluto” e “pausa”, poderia haver predominância da ênclise sobre a próclise, conforme citamos na parte teórica desta pesquisa. Para os demais contextos, era esperado peso relativo favorável à próclise. Nos dois casos citados, houve correspondência entre os resultados dos pesos relativos e o resultado esperado. Portanto, não foi encontrada variação.

Contudo, em um caso particular, não houve correspondência entre o que a gramática castelhana definia como padrão e o resultado obtido a partir da aplicação da regra variável. Para os contextos linguísticos em que o clítico é precedido por preposição, o peso relativo obtido para posição em próclise foi baixíssimo, o que significa que a

¹⁹ Lembrando mais uma vez que classificamos os dados de mesóclise como “ênclise ao primeiro verbo” e, portanto, junto à categoria dos verbos simples.

ênclise é de fato a posição privilegiada nesse contexto. A posição enclítica, nesse contexto, é fruto da interferência dos padrões gramaticais da língua portuguesa nos padrões da língua espanhola. Essa afirmação parte da análise contrastiva com o trabalho de Menon (2012), sobre a variação que estava ocorrendo paralelamente no português da época em estudo, com a alteração do posicionamento dos clíticos de próclise para ênclise em construções preposicionadas com *a*, para desmanchar possíveis ambiguidades geradas na interpretação equivocada de artigos definidos como clíticos ou vice e versa. Os autores portugueses, então, aplicaram os mesmos padrões “desambiguizadores” ao escreverem em espanhol, língua que não necessita desse fenômeno como recurso, já que os artigos definidos e os clíticos não são homógrafos. Apesar de o trabalho de Menon (op. cit.) fazer menção apenas a construções com a preposição *a*, é possível que com as demais preposições o posicionamento do clítico em próclise tenha ocorrido por analogia.

Desse modo, podemos afirmar que o castelhano de Portugal está mais diretamente atrelado aos *factores lingüísticos* contrastantes entre as línguas e, em menos proporção, à falta de proficiência dos autores no espanhol.

De qualquer modo, esperamos que o trabalho possa ter contribuído para a explicação de pontos até então não tratados sobre a história social da Língua Portuguesa e da Língua Espanhola, em especial para a descrição do fenômeno que relaciona ambas as línguas, o “castelhano de Portugal”, e que possa servir de estímulo para futuras pesquisas na área da Linguística.

REFERÊNCIAS

- AIJON OLIVA, M. Á., BORREGO NIETO, J. La variación gramatical como forma y significado: el uso de los clíticos verbales en el español peninsular. *Lingüística*, [online]. 2013, vol. 29, n. 2, p. 93-126.
- AIJÓN OLIVA, M. Á.; SERRANO, M. J. The cognitive bases of linguistic style. *Sociolinguistic studies*, 4: 115-144. 2010.
- ENRIQUE-ÁRIAS, A. La distribución de los pronombres de objeto en español: consideraciones históricas, tipológicas y psicolingüísticas. *Lingüística*, n. 5, La Rioja: Unirioja, 1993, págs. 41-76.
- GARCÍA PÉRES, D. **Catálogo razonado biográfico y bibliográfico de los escritores portugueses que escribieron en castellano**. Madrid: Imprenta del Colegio Nacional de Sordo-Mudos y de Ciegos, 1890.
- GONZÁLEZ, N. T. M. **Cadê o pronome?** O gato comeu. Os pronomes pessoais na aquisição/aprendizagem do espanhol por brasileiros adultos. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1994. Tese.
- GUY, G. R.; ZILLES, A. **Sociolinguística Quantitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

MARTINS, A. M. *Documentos portugueses do noroeste e da região de Lisboa: da produção primitiva ao século XVI*. Lisboa: Imprensa Nacional, 2001.

MARTINS, A. M. Clíticos na história do português à luz do teatro vicentino. **Estudos de Linguística Galega**, n. 3. Santiago de Compostela: Universidad de Santiago de Compostela, 2011. p. 83-109.

MENON, O. P. S. Uma mudança encaixada: clíticos em construções preposicionadas. In: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. (orgs.). **Revista do Gelne**, v. 14, n. Especial. Natal: UFRN, 2012. p. 173-212.

PETROLINI JR., C. D. **Mais uma imagem no espelho**: a colocação de clíticos pronominais em sequências verbais do espanhol e do português brasileiro. São Paulo: USP, 2009. Dissertação de Mestrado.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Diccionario panhispánico de dudas**. Madrid: Espasa, 2005.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Nueva gramática de la lengua española**. Manual. Madrid: Espasa, 2010.

TEYSSIER, P. **História da Língua Portuguesa**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

TEYSSIER, P. **A língua de Gil Vicente**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2005.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística**. Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, [1968] 2006.